

Respira, Brasília

Projeto de parque linear na região de colônias agrícolas tenta melhorar qualidade de vida local. Boa ideia, no entanto, tem de cara um inimigo nada natural a enfrentar: a especulação oportunista, característica de uma região que vem sendo sucessivamente destruída pelo homem

» LUÍSA MEDEIROS

Um parque linear será construído nas áreas verdes ao longo dos córregos que passam pelas colônias agrícolas Samambaia, Vicente Pires e Vila São José. A medida será adotada para atacar, de uma só vez, problemas típicos dessas regiões: as invasões irregulares e a degradação ambiental das áreas de proteção. O projeto prevê a construção de um calçadão que irá acompanhar o trajeto percorrido pelos córregos na mata. Com a obra, será possível, por exemplo, ir a pé ou de bicicleta do Taguapark até os viadutos da Estrada Parque Taguatinga-Guará (EPTG) — distância equivalente a 4km. Além disso, nas áreas verdes que ainda não foram totalmente ocupadas, serão instaladas quadras esportivas, churrasqueiras, playgrounds e outros equipamentos públicos para atrair a presença da população ao local, mas de forma harmoniosa com a natureza.

Desde semana passada, o projeto Caminho das Águas, da Subsecretaria de Meio Ambiente (Sumam), começou a sair do papel. Máquinas da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) estão desbravando a mata e abrindo o novo caminho que, na maioria das vezes, irá respeitar o limite de 30 metros de distância das áreas de proteção permanente (APP). Em alguns casos, no entanto, isso não será possível devido ao avanço das construções. "A prioridade é respeitar o limite das APPs para poder protegê-las e assim conservar os córregos mais facilmente. Quando isso não for possível, faremos pontes de madeira para ligar um trecho ao outro", afirma o subsecretário de Meio Ambiente, Eduardo Brandão, destacando que no projeto não há qualquer previsão para derrubar as mais de 400 construções ilegais nas margens dos córregos.

As colônias agrícolas Samambaia, Vicente Pires e a Vila São José surgiram em meio à Bacia Hidrográfica de Vicente Pires, rica em nascentes e córregos (veja quadro). Hoje, a região tem cerca de 65 mil habitantes e está ambientalmente degradada. Além disso, lixo e entulho são jogados nas áreas, que, nas décadas de 1970 e 1980, foram ocupadas por chácaras produtivas. Há ainda alguns chacareiros remanescentes, mas o crescimento imobiliário está extinguindo a cultura agrícola na região. "As áreas perto dos córregos estão 90% degradadas. Viraram fundo de vale, muitas vezes com uso marginal para depósito de lixo, e a própria população evita ir lá. Queremos trazer a população para o parque linear e transformá-lo em parceiros que irão ajudar na conservação da área", acredita Brandão.

O Governo do Distrito Federal (GDF) liberou R\$ 5 milhões para a Sumam instalar o Caminho das Águas e fazer outras intervenções em áreas verdes que estão comprometidas pela ocupação urbana. A primeira etapa desse projeto será no entorno do córrego Samambaia. A área aproximada para implantar a pista de cooper, equipamentos de esporte e lazer é de 45 metros quadrados. O calçadão será construído a partir da Chácara 102 da Colônia Agrícola Samambaia, e nesse primeiro momento, irá até a Vila São José. O trecho terá extensão de 975 metros margeando a APP, que será reflorestada com plantas nativas.

A entrada do Caminhos das Águas será exatamente numa parte do terreno onde o chacareiro Jorge Paulo de Lima, 47 anos, mora há 20 anos. Ele não impediu que o governo abrisse o caminho, mas está receoso de que, com o aumento de pessoas na áreas, os ani-

mais da chácara fiquem expostos. Lima cria porcos, cachorros e duas vacas. "Não tem como as pessoas andarem aqui junto com os animais", atenta, emendando: "Como posso ir contra o projeto, se não tenho documento que prove que a área é minha? Mas se for acontecer o que eles me disseram, uma obra com segurança e iluminação, acho que os córregos serão mais protegidos". Na semana passada, agentes do governo procuraram o chacareiro para mostrar o projeto e informar quais intervenções seriam feitas no local.

Ressonância

O trabalho das máquinas começou na semana passada e surpreendeu moradores de chácaras que não foram consultados sobre o projeto Caminho das Águas. O caminhoneiro Carlos Alberto Borges, 62, é um deles. Ele foi chamado às pressas quando sua mulher ouviu o barulho dos tratores entrando na propriedade. Depois de ter conhecimento do que estava acontecendo, o caminhoneiro ficou mais tranquilo. "Acho a proposta muito boa, mas tem muita gente que não tá sabendo o que é e acha que vai ter derrubada de casas. O governo poderia primeiro conversar com os moradores", critica. O leito do córrego Samambaia que passa em sua propriedade baixou um terço desde que Borges chegou à região. "As pessoas não respeitam a natureza, jogam lixo no córrego, é uma tristeza. Quando cheguei aqui, tinha até peixe", lembra ele.

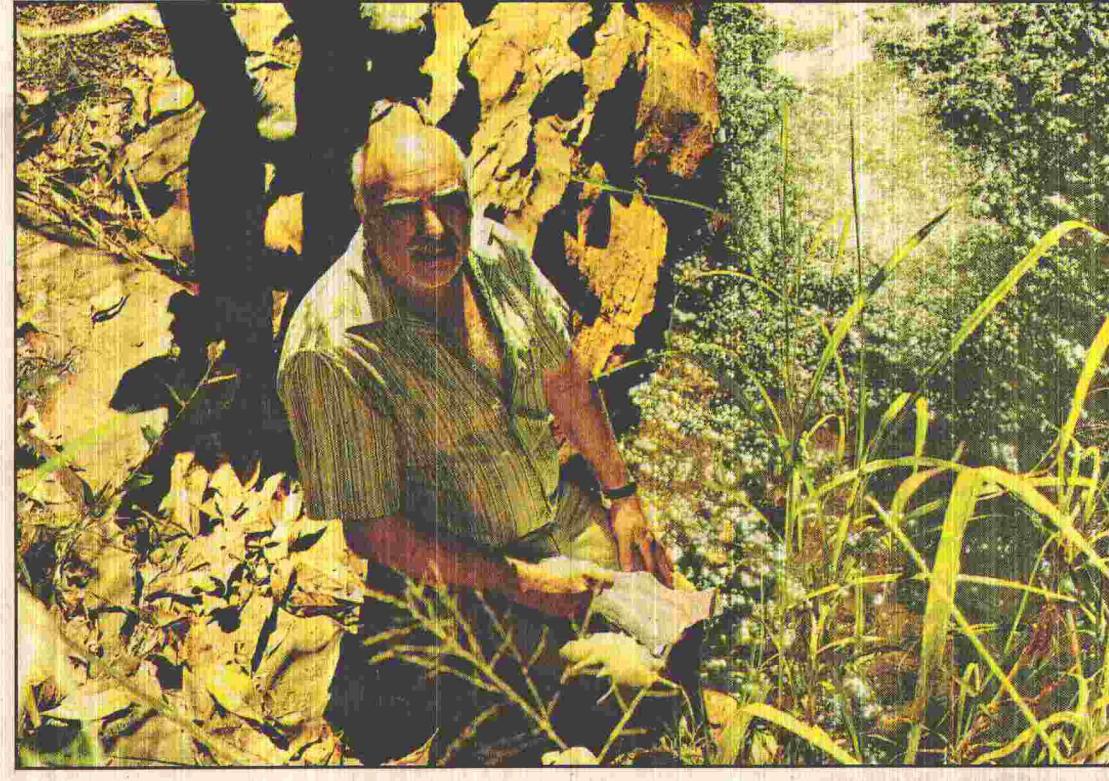
Preservação

APP é um corredor protetor das margens dos leitos d'água e de locais com fragilidade ambiental. Não é permitido nenhum tipo de construções em APPs a menos de 30 metros de nascentes, em locais com declive superior a 30 graus, em bordas de chapada e outros pontos.

A professora Odilia Martins, 58, e o filho biólogo Maurício Bernardes, 33, moradores da Chácara 102 da Colônia Agrícola Samambaia, acreditam que a criação de uma área de lazer que leva a população a conhecer a vegetação nativa e os córregos daquela região é uma tentativa de conquistar parceiros para proteger a área. No entanto, ela ressalta, o acesso pelo mato a áreas mais carentes, como a Vila São José, pode servir de rota para criminosos que há tempos rondam as chácaras. "Tenho receio da presença de pessoas indesejáveis. Por isso, é fundamental que haja muita segurança e policiamento nesse novo parque", salienta a professora.

Depois do início da obra no local, algumas pessoas acreditam que os terrenos da região por onde passará o caminho serão valorizados — e a especulação imobiliária de parcelamentos irregulares já pode ser vista de longe. Na semana passada, surgiu misteriosamente um muro cercando um largo terreno na ponta de picolé da Chácara 102. A proprietária, conhecida por Dona Leida, oferece o imóvel por R\$ 110 mil. Um interessado ofereceu R\$ 80 mil e ela não aceitou. O subsecretário de Meio Ambiente informou que, no caso do Lote 14 da Chácara 102, haverá a retirada dos muros. "Isso não ficará de pé", promete ele.

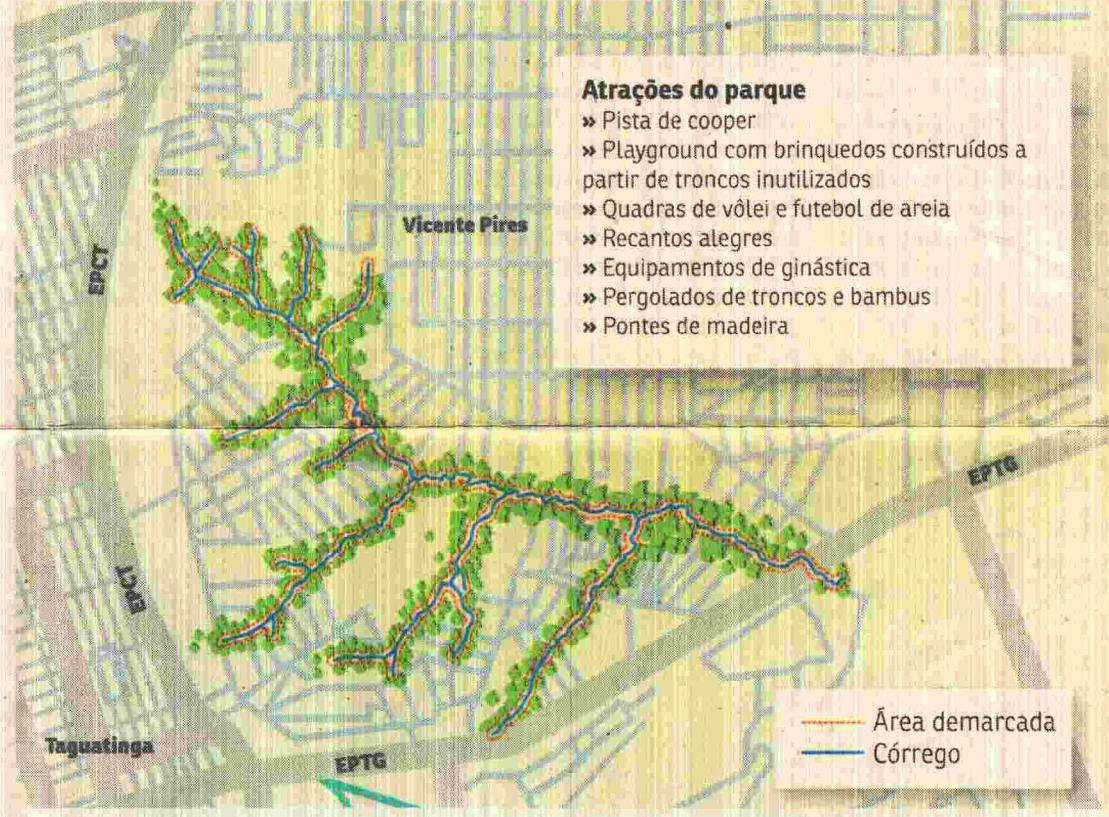
Fotos: Kleber Lima/CB/DA Press



Carlos Alberto Borges, morador: "As pessoas não respeitam a natureza, jogam lixo no córrego, é uma tristeza"

O parque

O projeto abrange a área da Bacia Hidrográfica de Vicente Pires, que compreende os córregos de Samambaia, do Valo, Cana do Reino, Água Clara, Vereda da Cruz, Arniqueira e Vereda Grande, que desaguam no Córrego de Vicente Pires e seguem até o Lago Paranoá.



Atrações do parque

- » Pista de cooper
- » Playground com brinquedos construídos a partir de troncos inutilizados
- » Quadras de vôlei e futebol de areia
- » Recantos alegres
- » Equipamentos de ginástica
- » Pergolados de troncos e bambus
- » Pontes de madeira



O chacareiro Jorge Paulo de Lima está apreensivo: "Não tem como as pessoas andarem aqui com os animais"

